

# LOULÉ

TERRITÓRIOS,  
MEMÓRIAS,  
IDENTIDADES



MUSEU  
MUNICIPAL  
LOULÉ

N I M P R E N S A  
N A C I O N A L



# LOULÉ

**TERRITÓRIOS, MEMÓRIAS, IDENTIDADES**

**TERRITORY, MEMORY, IDENTITY**

**TERRITOIRES, MÉMOIRES, IDENTITÉS**

**MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA**

LISBOA, 2017



**PATRIMÓNIO CULTURAL**

Direção-Geral do Património Cultural



**MUSEU MUNICIPAL LOULÉ**

PARCEIRO EDITORIAL

**N** I M P R E N S A  
N A C I O N A L

## ÍNDICE

- 9 APRESENTAÇÃO
- 14 RAZÕES DE SER DE UMA EXPOSIÇÃO
- 24 LOULÉ. O LUGAR
- 26 À NOSSA PASSAGEM. TERRAS DE LOULÉ  
Lídia Jorge
- 28 LOULÉ EM VISTA RASANTE. DAS ORIGENS A 1950  
Joaquim Romero Magalhães
- 34 PARA A HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA DE LOULÉ  
Carlos Fabião
- 42 I. TERRITÓRIO
- 50 TERRITÓRIOS DE LOULÉ  
Ana Ramos-Pereira
- 58 II. PRÉ-HISTÓRIA: AS ANTIGAS SOCIEDADES CAMPONESAS
- 60 SERRA E MAR. AS ANTIGAS SOCIEDADES CAMPONESAS EM LOULÉ (ALGARVE)  
Victor S. Gonçalves e Ana Catarina Sousa
- 148 FICHAS DE CATÁLOGO
- 198 III. PROTO-HISTÓRIA O MUNDO PROTO-HISTÓRICO E O ADVENTO DA ESCRITA
- 200 A IDADE DO BRONZE NO CONCELHO DE LOULÉ  
Carlos Oliveira, Pedro Barros, Samuel Melro e Susana Estrela
- 210 FICHAS DE CATÁLOGO
- 220 A IDADE DO FERRO NO CONCELHO DE LOULÉ (FARO, ALGARVE, PORTUGAL)  
Ana Margarida Arruda
- 226 NAS ORIGENS DA ESCRITA: OS MONUMENTOS EPIGRÁFICOS COM ESCRITA DO SUDOESTE  
Amílcar Guerra
- 238 NA DESCOBERTA DAS ESTELAS EPIGRAFADAS DE LOULÉ  
Pedro Barros, Samuel Melro e Susana Estrela
- 246 AS ENTIDADES ÉTNICAS DO MUNDO PRÉ-ROMANO  
Amílcar Guerra
- 252 FICHAS DE CATÁLOGO

- 264** IV. ÉPOCA ROMANA  
**O MUNDO ROMANO. UM TERRITÓRIO ENTRE CIDADES**
- 266 LOULÉ ROMANA: UM TERRITÓRIO ENTRE CIDADES  
Catarina Viegas
- 278 O ESTABELECIMENTO PORTUÁRIO DO CERRO DA VILA (VILAMOURA): DE AGLOMERADO ROMANO A ALDEIA ISLÂMICA  
Felix Teichner
- 292 AS OCUPAÇÕES ANTIGAS DA QUINTA DO LAGO (ALMANSIL, LOULÉ)  
Ana Margarida Arruda
- 302 MUNDO FUNERÁRIO ROMANO NO TERRITÓRIO DE LOULÉ  
Carlos Pereira
- 312 DOS MONUMENTOS EPIGRÁFICOS ROMANOS DE LOULÉ  
José d'Encarnação
- 318 APROXIMACIÓN A LA CIRCULACIÓN MONETARIA DEL CONCEJO DE LOULÉ EN ÉPOCA ROMANA  
Noé Conejo Delgado
- 324 A FAUNA MALACOLÓGICA DO CERRO DA VILA  
Filipe Henriques e Ana Pratas
- 328 FICHAS DE CATÁLOGO
- 410** V. ANTIGUIDADE TARDIA  
**DA AFIRMAÇÃO DO CRISTIANISMO À UNIFICAÇÃO VISIGODA**
- 412 LOULÉ NA ANTIGUIDADE TARDIA: A CRISTIANIZAÇÃO E O MUNDO RURAL ROMANO EM TRANSFORMAÇÃO  
João Pedro Bernardes
- 418 O MUNDO FUNERÁRIO VISIGÓTICO NO TERRITÓRIO LOULETANO: SÍTIOS, PRÁTICAS E MATERIAIS  
Andreia Arezes
- 428 FICHAS DE CATÁLOGO
- 448** VI. ÉPOCA ISLÂMICA  
**DO *GHARB* AO ALGARVE: CINCO SÉCULOS DE ISLÃO**
- 450 O ATUAL TERRITÓRIO DE LOULÉ NO PERÍODO ISLÂMICO  
Helena Catarino
- 464 *AL-'ULYÀ*, A CIDADE ISLÂMICA  
Isabel Luzia e Alexandra Pires
- 480 O CASTELO DE SALIR: UM DISTRITO RURAL (*HISN* E *QARYA*) ISLÂMICO DE *OCSONOBA*  
Helena Catarino
- 494 AS NECRÓPOLES ISLÂMICAS DE LOULÉ  
Alexandra Pires e Isabel Luzia
- 504 FICHAS DE CATÁLOGO
- 572** VII. ÉPOCA MEDIEVAL  
**DO ISLÃO À CRISTANDADE**
- 574 A CONQUISTA E A SOBERANIA DO ALGARVE  
Luís Filipe Oliveira
- 582 UM ESPAÇO ENTRE PODERES: O REI, O CONCELHO, A IGREJA  
João Luís Fontes e Gonçalo Melo da Silva
- 590 ORDENAR O POVOAMENTO E A VIZINHANÇA: MUÇULMANOS, CRISTÃOS E JUDEUS  
Maria Filomena Lopes de Barros
- 598 FIGOS DA TERRA E TRIGO DO MAR  
Luís Miguel Duarte
- 608 FICHAS DE CATÁLOGO
- 628** IDENTIDADES
- 630 A FELICIDADE DE CONHECER OS GUARDIÕES DA IDENTIDADE DE LOULÉ  
Pedro Barros
- 650** ANTES DO HOMEM
- 652 LOULÉ HÁ MAIS DE 220 MILHÕES DE ANOS: OS VERTEBRADOS FÓSSEIS DO ALGARVE TRIÁSICO  
Octávio Mateus e Hugo Campos

# III. PROTO-HISTÓRIA O MUNDO PROTO-HISTÓRICO E O ADVENTO DA ESCRITA

## VIVER E MORRER NA IDADE DO BRONZE

Da Idade do Bronze (2.º milénio a. C.), são poucos os achados no território louletano. Com tão raros dados para caracterizar o povoamento, são de enorme importância os que dizem respeito às necrópoles, isto é, ao «mundo dos mortos».

O melhor exemplo é a necrópole da Vinha do Casão (Vilamoura), escavada na década de 1980 e amplamente estudada. Incluía 11 sepulturas em cista com os restos osteológicos humanos e respetivas oferendas: cerâmicas, artefactos metálicos e de pedra.

Contamos ainda com achados isolados de outros sítios do concelho, geralmente associados a necrópoles, entre eles adornos, armas e instrumentos/ferramentas, todos eles de bronze.



## LÁ ONDE NASCE UMA ESCRITA

Na Idade do Ferro (1.º milénio a. C.), conhecemos, especialmente na área serrana, os vestígios de uma cultura que possuía uma forma de escrita gravada sobre estelas, que marcavam o túmulo das personagens mais distintas.

A escrita do Sudoeste, que deve o seu nome ao facto de ser uma realidade típica do Sudoeste hispânico, é considerada a mais antiga da Península Ibérica. Remonta pelo menos ao século vi a. C. e deriva do alfabeto fenício.

Subsistem dúvidas sobre alguns caracteres desta escrita, mas é possível transcrever no nosso alfabeto a maioria das sequências. Todavia, a língua é enigmática, constituindo um desafio à investigação.

Entre os raros objetos encontrados nos sítios onde a escrita ocorre, destacam-se os de adorno e os recipientes de uso quotidiano.

# A IDADE DO FERRO NO CONCELHO DE LOULÉ (FARO, ALGARVE, PORTUGAL)

ANA MARGARIDA ARRUDA

Na área abrangida pelo concelho de Loulé, os dados sobre a Idade do Ferro são muito escassos e localizam-se, maioritariamente, na Serra e no Barrocal (fig. 1). Trata-se, sobretudo, de estelas epigrafadas com escrita do Sudoeste, associadas, ou não, às respetivas necrópoles. Neste mesmo volume, outros investigadores abordam estes elementos integrando-os devidamente nos seus contextos, pelo que se torna dispensável a sua apreciação neste texto. As três contas de colar de vidro azul, decoradas a branco, duas esféricas com «olhos» e uma tubular, cujo contexto concreto se desconhece, mas que sabemos serem oriundas da freguesia do Ameixial, serão muito provavelmente destas necrópoles.

Outros sítios deste mesmo espaço geográfico têm vindo a ser relacionados com ocupações sidéricas. Porém, na maioria destes casos concretos, a informação disponível é quase sempre muito escassa, o que dificulta a interpretação e leituras mais amplas, havendo situações em que há mesmo motivos para duvidar do próprio enquadramento cronológico que foi proposto.

O pequeno pote encontrado no Cerro da Vila, por exemplo, poderia ser de facto da Idade do Ferro, atendendo quer à forma, quer ao tratamento da superfície externa, decorada com bandas e linhas pintadas de vermelho. Contudo, a ausência de contexto e, sobretudo, de outros espólios desta cronologia no referido sítio obrigam a alguma prudência nesta atribuição.

A estrutura defensiva, de forma elipsoidal, da Rocha da Pena rodeia um sítio onde Leite de Vasconcelos recolheu apenas machados de pedra polida (Vasconcelos, 1900), sendo, portanto, difícil o seu enquadramento numa cronologia do primeiro milénio a. C.

Da Gruta da Igreja dos Soidos, na freguesia de Alte, nada se sabe, apesar de haver referência à recolha recente de cerâmicas do Bronze Final/Idade do Ferro no seu interior.

A situação de Benafim, Querença, é, apesar de tudo, distinta. Refira-se, contudo, que o sítio era, até há pouco tempo, conhecido apenas pela sua ocupação romana, cronologia que se depreende do espólio recuperado numa sepultura escavada nos inícios do século passado, concretamente uma moeda de ouro e uma pedra de anel (Vasconcelos, 1907). Trabalhos de prospeção efetuados há poucos anos permitiram recolher fragmentos cerâmicos enquadrados cronologicamente na Idade do Ferro. Entre estes, destacam-se as ânforas, concretamente as de tipo B/C de Pellicer, algumas importadas da área turdetana, a avaliar pelas características físicas das pastas. Outras, de morfologia idêntica, parecem, porém, ser de produção local. Relativamente a Benafim, deve ressaltar-se a sua proximidade à estela de Barradas (Barros, Melro, Estrela, 2014), o que pode traduzir uma associação, mais ou menos direta, ao mundo funerário conectado com a escrita do Sudoeste, que, como já se referiu antes, será tratado, neste mesmo volume, em apartado próprio, por outros autores.

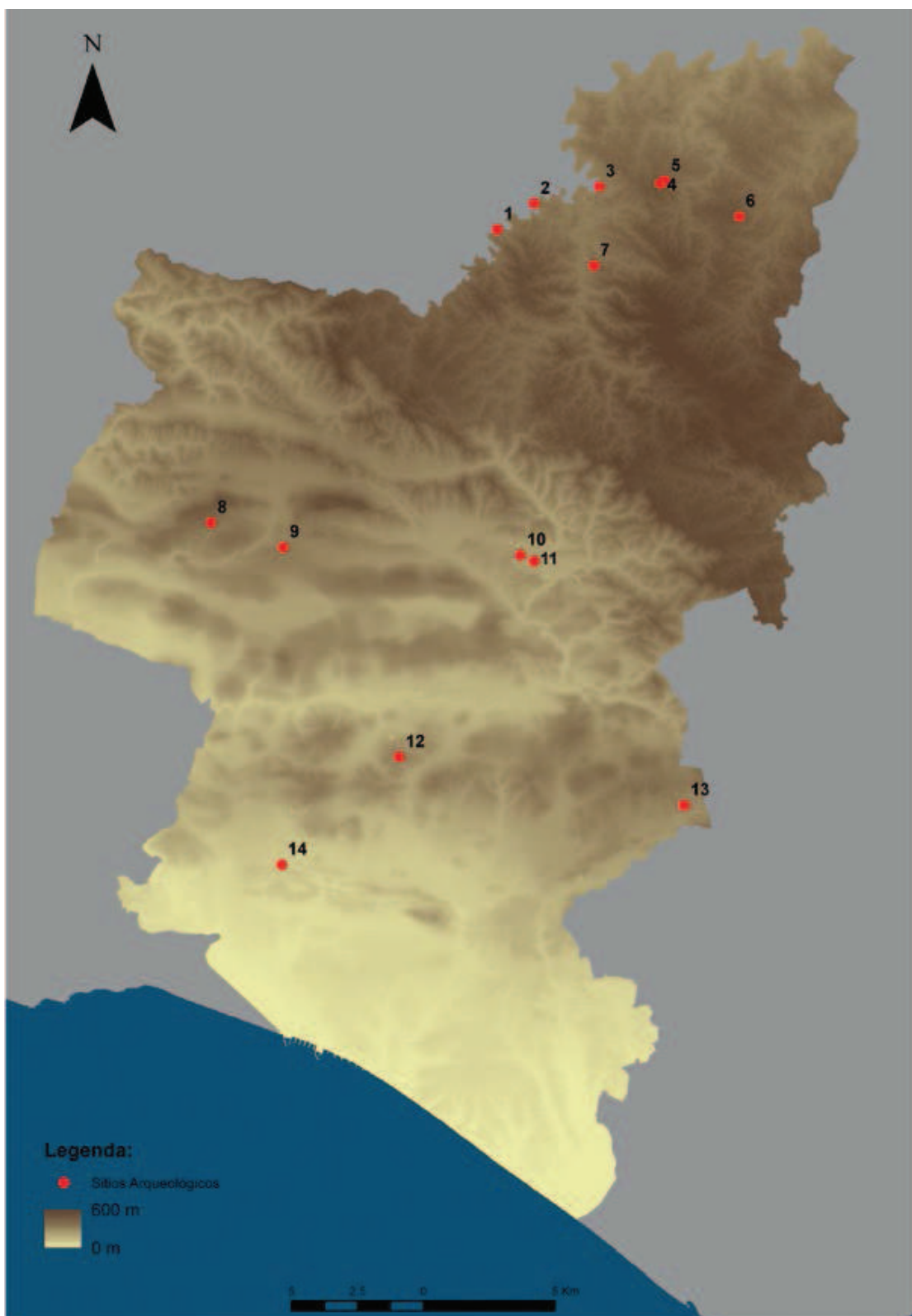


Fig. 1 – Sítios arqueológicos da Idade do Ferro no concelho de Loulé (DGPC):  
 1. Monte ou Vale dos Vermelhos  
 2. Corte Pinheiro  
 3. Azinhal dos Mouros  
 4 e 5. Ameixial  
 6. Corte de Ouro  
 7. Monte da Portela  
 8. Gruta da Igreja dos Soidos  
 9. Barradas  
 10. Fazenda das Alagoas  
 11. Viameiro;  
 12. Gruta da Areia/Varjota;  
 13. Apra;  
 14. Gruta do Vale Covo

Na mesma categoria, cabe Apra, sítio que até há pouco tempo era conhecido apenas pela sua ocupação romana. Com efeito, os materiais que Estácio da Veiga recolheu no local, associados a outros dados, nomeadamente os epigráficos, e que foram recentemente compilados (Pereira, 2014), apontam no sentido de ter havido no local uma necrópole romana relativamente tardia (*Ibidem*), que, muito provavelmente, estaria associada a um núcleo de povoamento de tipo *villa*.

Em trabalhos recentes de escavação no âmbito de trabalhos de minimização de impactos negativos sobre o património arqueológico, surgiram espólios cerâmicos e metálicos que se inserem no período que aqui me propus tratar (Resende, 2015). Infelizmente, as dimensões da área intervencionada foram muito diminutas, não tendo sido possível averiguar a existência de quaisquer estruturas associadas a esta ocupação. Ainda assim, os materiais recolhidos, por serem, apesar de tudo, mais numerosos e mais diversificados, merecem uma discussão detalhada que não se tornou possível para os casos anteriores. Entre eles, destacam-se desde logo duas fíbulas anulares hispânicas. Uma cronologia dos séculos v/iv a. C. é geralmente atribuída a este tipo de adorno, o que se adapta na perfeição à datação dos fragmentos de ânfora (bordos, paredes e asas) de tipo B/C também recolhidos nesta intervenção. Estas últimas são relativamente numerosas, parecendo algumas importadas e outras de produção local. Importantes são igualmente os grafitos que alguns destes fragmentos ostentam. Não se tratando de grafemas, poderão interpretar-se como marca de propriedade ou de controlo da produção. Uma taça de cerâmica cinzenta, com as superfícies polidas, não destoa no conjunto de materiais, sendo coerente do ponto de vista cronológico com os restantes espólios já mencionados (fíbula e ânforas B/C). Estas mesmas associações de materiais foram detetadas em outros sítios da costa algarvia, em cronologias dos finais do século v/primeira metade do iv a. C., como é o caso de Castro Marim ou do Cerro da Rocha Branca (Silves), por exemplo (Arruda, 2005, 2007a e b).

O conjunto de materiais recolhidos na Gruta da Varjota são idênticos, quer nos fabricos quer na morfologia, aos dos restantes sítios citados anteriormente. Uma vez mais, os bordos e as asas de ânforas de tipo B/C estão presentes, também em produções locais/regionais e nas importadas.

No entanto, o facto de estes materiais terem sido recolhidos no interior de uma gruta merece destaque. Esta realidade, a que se poderá eventualmente

acrescentar a da Gruta da Igrejinha dos Soidos reveste-se de um especial significado e pode relacionar-se com a matriz mediterrânea da Idade do Ferro do concelho de Loulé, em particular, e do Algarve, em geral.

De facto, as «ocupações» em gruta durante a Idade do Ferro, e concretamente da que se relaciona com essa matriz, não são desconhecidas no território atualmente português, como ficou demonstrado na Lapa do Fumo (Arruda e Cardoso, 2013), onde as categorias cerâmicas representadas, o seu estado de conservação e a própria localização e implantação permitiram relacionar o espaço com a prática de atividades de carácter ritual (*Ibidem*, p. 748), situação que também se defendeu para os casos da Lapa da Cova e da Lapa das Janelas (*Ibidem*), na Serra da Arrábida (Soares, 2013). A gruta artificial neolítica de São Paulo, em Almada, foi também ocupada durante a Idade do Ferro, não parecendo desadequado propor-lhe idêntica função.

Todas estas cavidades apresentam algumas características semelhantes às de Loulé, distanciando-se da situação verificada na Rua da Judiaria, em Lisboa, para a qual se pode, todavia, defender uma utilização semelhante. As primeiras estão isoladas e não inseridas em áreas habitadas, e os seus materiais ou são de exceção, como no caso da Lapa da Cova (*Ibidem*) e da Lapa das Janelas (*Ibidem*), ou encontram-se em excelente estado de conservação. A «Gruta» da Rua da Judiaria, em Lisboa, está implantada em área onde a densidade de ocupação da Idade do Ferro de tipo habitacional é muito elevada, ao longo de uma ampla diacronia, sendo os espólios variados quer na morfologia quer, naturalmente, na funcionalidade (Calado et al., 2013). Por outro lado, estes não estão particularmente bem conservados (*Ibidem*). Contudo, um uso religioso não é também de excluir para este caso concreto, podendo aqui admitir-se que se trata de um lugar de culto, em ambiente urbano.

As grutas de Loulé estão aparentemente desconectadas de sítios habitacionais. Atendendo ao facto de não ter havido trabalhos arqueológicos de escavação, não sabemos o estado de conservação dos espólios, nem naturalmente a forma como se depositaram. Porém, a presença de materiais da Idade do Ferro em grutas permite admitir igualmente uma função religiosa, com a prática de atividades litúrgicas.

Lembre-se a este propósito que a utilização de grutas com este fim é habitual no quadro das religiões mediterrâneas, e não só, sendo abundantes os testemunhos de práticas religiosas em sítios deste tipo, sendo o fenómeno muito vasto do ponto de vista geográfico,

documentando-se em território fenício, mas também em Chipre, Malta, Sicília e Sardenha e no norte de África. No território atualmente espanhol, cite-se a título de exemplo os casos de Ibiza, de Gibraltar, de Villaricos e de Múrcia, a que se podia acrescentar a referência de Avieno (305-317) sobre a existência de um santuário em gruta dedicado a Astarté (Vénus marítima) em Cádiz.

Os dados sobre a ocupação da Idade do Ferro no concelho de Loulé, sendo escassos, e estando maioritariamente desconectados dos respetivos contextos arqueológicos, são ainda assim muito importantes, porque acrescentam novos elementos aos modelos que foram já propostos para a ocupação do primeiro milénio a. C. na área meridional portuguesa, sobretudo para a sua segunda metade (Arruda, 1999/2000; 2005; 2007a; 2007b).

Assim, tudo indica que apenas a partir do século v a. C. essa ocupação foi efetiva, não havendo dados que remetam para uma outra anterior, da primeira metade do milénio. Esta circunstância não causa uma particular estranheza, sobretudo quando é comum à grande maioria do território meridional português, concretamente na sua área central e ocidental. De facto, no litoral oriental do Algarve, Castro Marim e Tavira destacam-se pela importância que assumem entre o século VIII e os meados do v a. C., parecendo clara, através das arquiteturas domésticas, defensivas e funerárias, das técnicas construtivas, dos rituais funerários e dos materiais, a sua inclusão na *Koiné* orientalizante de raízes fenícias a que pertencia quase toda a Andaluzia costeira. A ocidente de Tavira, porém, essa realidade não foi ainda detetada, e apenas a partir do final do século v a. C. existe uma efetiva ocupação dos territórios do litoral central e ocidental, bem como de outros já integrados no barrocal e até mesmo na serra.

Até há pouco tempo, as evidências para o concelho de Loulé desta ocupação da segunda metade do primeiro milénio a. C. eram inexistentes. Contudo, e apesar de escassos, os dados entretanto coligidos permitem integrar este território numa vasta área do Algarve, que engloba, até ao momento em que escrevo, os concelhos de Faro, Silves, Portimão e Lagos, mas também os de Alcoutim, Castro Marim e Tavira. Nos dois últimos, e muito concretamente na sede dos respetivos municípios (castelo; centro histórico), assistiu-se, nos finais do século v e inícios do IV a. C., a uma reorganização do espaço urbano e a um aumento exponencial das importações mediterrâneas (Arruda, 1999/2000; 2005, 2007a e b). Por outro lado, e ainda no Algarve oriental, mas nos territórios do interior verificou-se, nesta mesma cronologia, a fundação

*ex-nihilo* de sítios com idênticas importações, ainda que em menor número.

No Algarve central e oriental, outros núcleos habitacionais são constituídos nesta mesma época, como é o caso de Faro, Cerro da Rocha Branca (Silves), Vila Velha de Alvor (Portimão) e Monte Molião (Lagos) (*Ibidem*). A dependência, do ponto de vista económico, de todos eles, em relação ao baixo Guadalquivir e a Cádiz é fortíssima (Sousa e Arruda, 2010), e está evidenciada por um importante e significativo consumo de produtos manufaturados (cerâmicas de mesa e de cozinha) e alimentares (azeite, preparados de peixe) envasados em ânforas com origem em Gadir (Mañá Pascual A4) e na área turdetana (B/C de Pellicer). Estes dados permitem admitir que a revitalização e a extensão territorial da ocupação sentida no litoral do SO peninsular a partir dos finais do século v a. C. poderiam ficar a dever-se não só ao alargamento, para ocidente, dos mercados gaditanos e turdetanos, mas inclusivamente a um fenómeno de «colonização» protagonizado por agentes «púnicos», com origem na baía de Cádiz. De qualquer modo, a dependência ou pelo menos a relação do Algarve com os territórios da Andaluzia ocidental é muito forte.

As mesmas realidades são agora evidentes também no concelho de Loulé. E, ainda que os dados sejam, por enquanto, muito escassos, a verdade é que o que existe completa um quadro cada vez mais nítido e mais bem definido. Ainda assim, só trabalhos arqueológicos extensos e em área nos sítios agora reconhecidos poderão caracterizar, de forma conveniente, as realidades sidéricas desta região concreta.

## BIBLIOGRAFIA

- ARRUDA, A. M. (1999/2000) – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a. C.)*. Barcelona: Publicaciones del Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra. (Cuadernos de Arqueología Mediterránea; 5-6).
- ARRUDA, A. M. (2005) – O 1.º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4, 23, p. 9-156.
- ARRUDA, A. M. (2007a) – A Idade do Ferro no Algarve: velhos dados (e outros mais recentes) e novas histórias. *Xelb*. Silves. 7, p. 116-130.
- ARRUDA, A. M. (2007b) – A Idade do Ferro do Sul de Portugal. Estado da investigação. *Madrider Mitteilungen*. Madrid. 42, p. 114-139.
- ARRUDA, A. M.; CARDOSO, J. L. (2013) – A ocupação da Idade do Ferro da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 735-754.
- ARRUDA, A. M.; SOUSA, E. (2010) – A gaditanização do Algarve. *Mainaké*. Málaga. 32 (2), p. 951-974.
- BARROS, P.; MELRO, S.; ESTRELA, S. (2014) – As estelas com escrita do Sudoeste do Concelho de Loulé. *Al-'Ulyà*. Loulé. 4, p. 7-23.
- CALADO, M.; ALMEIDA, L.; LEITÃO, V.; LEITÃO, M. (2013) – Cronologias absolutas para a 1.ª Idade do Ferro em Olisipo: O exemplo de uma ocupação em ambiente cársico na actual Rua da Judiaria em Alfama. *Cira*. Vila Franca de Xira. 2, p. 118-132.
- PEREIRA, C. (2014) – *As necrópoles romanas do Algarve. Acerca dos espaços da morte no extremo Sul da Lusitânia*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa.
- RESENDE, A. (2015) – *Centrais fotovoltaicas de Para 6MW e 4MW. Relatório final de estudo de materiais arqueológicos*.
- SOARES, R. (2012) – *A Arrábida no bronze final: a paisagem e o homem*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- VASCONCELOS, J. L. (1900) – Antiquidades do Sul de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 5, p. 247-248.
- VASCONCELOS, J. L. (1907) – Sepultura romana. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 12, p. 367.